**HISTÓRIA DE VIDA E A CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM DE SI**

Amilde Martins da Fonseca

Pedagoga

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

amilde.fonseca@ifrn.edu.br

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar a constituição da imagem de si, o *ethos*, de uma aluna do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos de uma instituição de ensino técnico e tecnológico, materializado na (re)construção de sua história de vida. O gênero história de vida constitui efetivamente o espaço em que o sujeito argumenta (*logos*) em favor de delinear, (re)construir, no discurso, a imagem de si (*ethos*), com base num determinado foco que ele/ela mesmo/a delimita, intencionando conquistar a credibilidade do/a seu/sua interlocutor/a (*pathos*). O corpus de análise é composto por uma história. Foram selecionadas para análise as dimensões: valores apresentados diante do auditório, lugares da argumentação, teses e natureza dos argumentos empregados no discurso. Analisa-se através destas dimensões o processo retórico argumentativo que permite chegar ao *ethos* revelado pela narradora. Constata-se que a aluna autora revela um *ethos* de simplicidade, dialoga mais diretamente com o auditório particular, utiliza modelo e argumentos de sacrifício e pelo exemplo apoiando-se nos *topoi (lugares comuns)*.

**Palavras-chave**: Argumentação. Ethos. Mulheres. Histórias de vida

**1 Introdução**

O objetivo deste artigo é analisar a constituição da imagem de si, o *ethos*, de uma aluna do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos de uma instituição de ensino técnico e tecnológico, materializado na (re)construção de sua história de vida.

Por *ethos* entendemos o caráter que o orador assume para conquistar o auditório ao qual se dirige. Ele é a própria representação do orador. Para Meyer (2007)

O *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo.

Segundo Souza (2008) toda pessoa ao argumentar, ao escrever ou ao falar o seu texto e ao defender uma tese, já tem em mente o auditório ao qual está direcionado o seu discurso. Esse é o espaço de entrelaçamento da teoria da Nova Retórica de Perelman com o sócio-interacionismo de Bakhtin, já que para os dois a linguagem é eminentemente dialógica de forma que não há, portanto, palavra que não seja direcionada a um interlocutor e que não estabeleça um diálogo social que leve em conta o contexto imediato e/ou amplo da enunciação (Souza, 2008).

A imagem que o auditório constrói da pessoa enquanto orador está diretamente relacionada ao que lhe chega aos sentidos a partir da linguagem, seja ela escrita ou falada. Essa, causa impressões mais ou menos agradáveis que envolvem, cativam. Essa imagem tanto pode ser o que de verdade o orador é, como o que ele representa, pois segundo o *ethos* não deve ser identificado puramente com o orador, uma vez que o uso da palavra possui uma estrutura mais complexa. Assim afirma Meyer (2007):

O *ethos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão - mas isso não se limita *àquele que* fala pessoalmente a um auditório. Ele se apresenta *como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica,* o que resulta na aceitação das respostas sobre as questões propostas.

Independente do gênero discursivo, toda produção de discurso é argumentativa, pois o processo argumentativo está situado num contexto social e histórico operado pela ideologia, tendo em vista que a intencionalidade de um discurso nem sempre está condicionada à vontade própria do falante escritor (Bakhtin, 1995). Do que se conclui que, todo discurso constitui um ato dialógico no qual o objetivo do orador é sempre convencer seu auditório e nesse processo o orador sempre evidencia uma imagem de si.

Nesse processo argumentativo, o orador deixa marcas de uma imagem de si (*ethos*) no discurso, construída em função da própria credibilidade e confiança que esse orador deseja infundir em seu interlocutor. A noção de *ethos* a que nos referimos e que mais especificamente fundamentará nossa análise compreende, então, o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem confiança (Reboul, 2000, p. 48).

Segundo Amossy (2005) todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. O orador não precisa falar sobre si nem tampouco apresentar suas qualidades e defeitos ao leitor, pois no momento da produção do texto, pistas são lançadas acerca desta imagem.

O *ethos,* liga-se ao orador, através principalmente das escolhas linguísticas realizadas por ele, escolhas estas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, continuamente construída no âmbito discursivo. A imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso.

É nesse espaço de conquista, nesse estabelecimento de diálogo implícito que o orador constrói seu *ethos*, ou imagem que o orador cria de si mesmo com o intuito de persuadir, causando boa impressão ao auditório, pouco importando se é verdadeiro ou não. Assim, a peça mais importante da retórica é a construção dessa imagem que o orador engendra de si próprio no interior do seu discurso.

Sob os pressupostos da Teoria da Argumentação fundamenta-se nossa investigação. Leva-se em conta o princípio de que a argumentação no discurso compreende um ato do orador na busca de, por meio de técnicas diversas, sustentar sua tese (*logos*), a partir de imagem que faz de seu interlocutor ou auditório ao qual seu discurso se dirige (*pathos*). Portanto, entendamos que *ethos*, *pathos* e *logos* se interpenetram no interior do discurso.

História de vida é um gênero discursivo no qual o autor narra os acontecimentos de sua própria existência. Embora esse gênero discursivo seja predominantemente narrativo, nele o sujeito também argumenta. A história de vida é uma situação sociolinguística em que se aplica o enunciado de Benveniste (1976): “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, pois essa experiência oportuniza ao sujeito a apropriação dos elementos que o constituem. Ao narrar suas experiências ele transforma os fatos e transforma-se, num movimento dialético.

Conforme Josso (2002) há cerca de vinte anos as histórias de vida são utilizadas como metodologia e material de pesquisa nas ciências que tratam das dimensões do ser humano, como a educação e a psicologia. Pois o ato de narrar, pelo texto escrito, pode ser compreendido para cada sujeito e para o pesquisador, em primeira instância, como indicador do sistema de valores, das suas representações socioculturais, das suas referências de compreensão porque expressam diferentes aspectos simbólicos e subjetivos de cada história.

**2 Aspectos metodológicos**

A coleta dos dados foi realizada mediante a aplicação de atividade de produção textual escrita do gênero História de vida a alunas do Programa de Integração da Educação Profissional à Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, das turmas dos cursos de Informática e de Alimentos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Para a produção da dissertação de mestrado, foram colhidas trinta e cinco histórias e cinco dentre essas foram analisadas. Nesse artigo, o corpus constitui-se de uma das histórias analisadas. A aluna autora nasceu no Nordeste brasileiro onde, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, na Síntese dos Indicadores Sociais, 2010, a média de anos de estudo da população de dez anos ou mais de idade é de 4,7 anos, o contingente da distorção idade-série é de 39% no ensino fundamental e de 53,3% no ensino médio.

Sobre as mulheres a *Síntese dos Indicadores Sociais -* SIS mostra que, mesmo mais escolarizadas que os homens, o rendimento médio delas continua inferior ao deles (as mulheres ocupadas ganham em média 70,7% do que recebem os homens), situação que se agrava quando ambos têm 12 anos ou mais de estudo (nesse caso, o rendimento delas é 58% do deles). As mulheres trabalham em média menos horas semanais (36,5) que os homens (43,9), mas, em compensação, mesmo ocupadas fora de casa, ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos, dedicando em média 22 horas por semana a essas atividades contra 9,5 horas dos homens ocupados. A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la (Bourdieu, 2005).

**3 Procedimentos de Análise**

Foram selecionadas para análise as seguintes dimensões do discurso: os valores apresentados diante do auditório, os lugares da argumentação, as teses e a natureza dos argumentos empregados no discurso. Procura-se analisar, através destas dimensões o processo retórico argumentativo que permite chegar ao *ethos* revelado pela aluna.

No gênero história de vida, as marcas dos interlocutores se apresentam em todo o corpo do texto. Acredita-se que a imagem feminina apresentada pode ser investigada a partir de marcas persuasivas utilizadas, mesmo que de forma inconsciente pela aluna autora. Essas não estão necessariamente explícitas na superfície textual, mas se revelam também implicitamente nos processos de construção argumentativa.

Da história em pauta foram extraídos fragmentos que possibilitaram a análise:

*Sou F.E.A. Nasci em Uiraúna, no Estado da Paraíba. Sou filha de agricultores, ou seja, minha mãe era do lar e meu pai agricultor, sou de família humilde, porem de caráter e personalidade forte meus pais me ensinaram e dizia para mim qual o melhor caminho de vida a seguir. [...] Era criança juntamente com mais quatro irmãos nossa mãe levantava cedinho cuidava dos afazeres domésticos enquanto isso meu pai já estava na roça íamos mais atrazados pois levávamos o almoço pronto de casa e comiamos todos juntos lá na sombra da árvore que papai cultivava sempre limpa para essa finalidade, lá tinha uma espécie de reservatório de água chamado moringa feito de barro que conservava a água sempre fria.[...] Saímos de Uiraúna para Luis Gomes com o objetivo de melhores condições de vida [...] foi a época de maior sofrimento em nossas vidas passávamos fome a necessidade era total [...] enquanto isso nosso pai por outro lado trabalhando de aluguel para adquirir recursos [...] fomos crescendo daí a necessidade de irmos para a escola e lá não tínhamos acesso a escola, não existi a transporte escolar era dificuldade total. [...] Meus pais resolveram vim para a cidade. Mais uma vez só com os filhos esposa e coragem de vencer na vida. [...] Continuou trabalhando para os fazendeiros da região no entanto ainda não fomos para a escola pois a vida dele estava voltada para a agricultura onde ele adquiria os recursos para as despesas do dia a dia. [...] No meio das dificuldades apareceu uma família a qual dizia ter a intenção de me ajudar. Com a permissão de meus pais me levaram para morar com eles com a finalidade também que eu fosse pra escola, o que realmente aconteceu, me matricularam na escola eu comecei a frequentar com nove anos de idade mas durou pouco a família queria em troca meu trabalho esforçado e inadequado para minha idade, ou seja era privada ate de visitar meus pais. [...] Eu mesma procurei uma escola pra estudar, lembro-me como se fosse hoje, o nome da escola era Pedra Azul [...] era uma escola muito boa [...] aprendi a ler muito rápido, na 2ª série já lia e escrevia sem a ajuda dos professores. A maioria dos problemas enfrentados na minha vida escolar era a necessidade que eu tinha de trabalhar e muitas vezes não tinha como conciliar estudo e trabalho, por isso perdi muitos anos escolares. [...] casamos no ano de 1995, no ano seguinte retomei minha vida escolar, que logo foi interrompida [...] nascimento da primeira filha [...] nascimento da segunda filha [...] daí em diante não teve mais como estudar, dediquei-me aos meus afazeres domésticos embora nunca tenha saído de mim o desejo de estudar. [...] O que me fez voltar a estudar foi em primeiro lugar incentivar minhas filhas para uma vida acadêmica [...] segundo adquirir conhecimento, fazendo um curso técnico e preparando-me para o mercado de trabalho. [...] Fiz o primeiro processo seletivo e posso dizer que sou aluna pioneira no Instituto, embora tenha alguma dificuldade com algumas disciplinas, mas minha vontade de vencer é tão grande que eu tenho superado todos esses obstáculos.* *Agradeço a Deus pela força que ele tem me dado de superar as dificuldades enfrentadas desde criança e também a benção da minha vida hoje totalmente transformada, hoje tenho casa, filhos e esposo, porem termino dizendo que sou uma mulher realizada com 90% dos sonhos realizados.*

**4 Ethos revelado**

O *ethos* mostra-se no discurso da aluna autora na imagem de seu caráter idôneo, da atitude moral exemplar, aquela que segue os ensinamentos dos pais, ou os toma como modelo. Conforme Perelman e Tyteca (2005) tomar alguém como modelo faz parte das ligações que fundamentam a estrutura do real. Para esses autores se alguém serviu de modelo é porque possui, portanto, certo prestígio e a aluna autora confere esse prestígio aos pais, afirmando que segue os ensinamentos de pessoas idôneas.

Ainda na tentativa de se apresentar como pessoa honrada e de bons costumes a aluna autora fala sobre o horário que seu progenitor saía para trabalhar e acrescenta que ela e seus irmãos iam mais tarde para conduzir o almoço do pai e poderem fazer juntos a refeição. Faz questão de acrescentar que, embora o local fosse debaixo de uma árvore esse estava sempre limpo. Produz-se então o *ethos* de uma família nordestina nos moldes que o senso comum proclama: aquela que é pobre, mas mantém seu ambiente limpo e organizado. Perelman (2005) afirma: o orador consegue adesão apoiando-se nos *topoi* (lugares comuns).

Perelman (2005) afirma ainda que toda argumentação deve ser construída com base no auditório para o qual ela é dirigida. O orador necessariamente precisa se adaptar a ele através da partilha de valores, evidências, crenças, ou seja, da *doxa* comum.

Pode-se ainda perceber no discurso da aluna autora as relações de gênero bem características do interior do Nordeste brasileiro: *a mãe levantava cedinho para cuidar dos afazeres domésticos*. Esse é um argumento que a aluna autora utiliza para evidenciar uma imagem positiva da mãe, (na perspectiva da construção patriarcal) aquela que assume o papel de mãe e dona de casa. Percebe-se que ela aprova e até a coloca como modelo, pois afirma que *os pais a ensinaram qual o melhor caminho a seguir.*

O estudo da constituição do *ethos* feminino engloba o conceito de *ethos* cultural. Não há pretensão de aprofundar essa discussão, porém não se pode deixar de mencioná-lo, uma vez que se apresenta a história de vida de uma mulher. Apenas mencionaremos o ethos coletivo como colocado por Amossy (2005) como produto do discurso dominante que a mesma autora denomina de estereótipo. Ela introduz a noção de estereótipo como fundamental ao estabelecimento do *ethos*. Para que o acordo prévio estabelecido entre locutor e o auditório e a construção da imagem de si sejam reconhecidas e, portanto, legítimas, é necessário que as representações construídas sejam partilhadas.

Na argumentação, tanto a construção de um auditório quanto a construção de uma imagem de si, passam pela estereotipagem. O estereótipo permite conhecer as formas de pensar de um grupo, e o orador, por sua vez “adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público alvo” (Amossy, 2005). Inferimos então que por isso a aluna autora se apresenta como advinda de uma família tradicional, na qual cada membro assume o devido lugar que a sociedade patriarcal na qual se encontra inserta acorda ser o correto. A aluna autora revela ainda um *ethos* de simplicidade quando narra o fato de se alimentar debaixo de uma árvore e tomar água de uma moringa, que por ser feita de barro, conservava a água sempre fria. Após descrever sua rotina na infância a aluna autora fala da mudança de sua família para o Rio Grande do Norte.

A aluna autora demonstra então, um *ethos* de persistência e fortaleza. Mesmo diante da necessidade total, termo que a mesma repete, fala em melhores condições de vida e aponta para o acesso à escola como um objetivo da família. Essa afirmação reforça o *ethos* de coragem e de luta apresentado desde o início de sua história.

Observa-se no discurso da aluna autora a preocupação de reafirmar que sua família, embora nada possuísse, queria vencer na vida. Afirma que o pai continuou trabalhando, mas ela não conseguiu o tão sonhado acesso à escola, pois a vida do pai se voltava para a agricultura, de onde retirava recursos para sustentar os filhos.

A autora continua exaltando as virtudes da família e sua luta para conseguir alimento e moradia e narra uma doença da qual o pai foi acometido. Lança no irmão a responsabilidade pelo sustento e direção da família. Após ressaltar as virtudes do irmão, passa a falar de si mesma.

No plano comportamental, o ser humano compõe-se de razão e emoção. Por isso, em retórica, razão e paixão não se separam. Assim, quando associamos razão e paixão temos como resultado o *ethos.* Reboul (2000) lembra as definições de Cícero acerca das capacidades do discurso: *docere* (instruir, ensinar) que constitui a parte argumentativa, *delectare* (agradar) que é o seu ladoagradável e *movere* (comover) que é o que abala o auditório.A aluna autora utiliza exatamente essa última capacidade do discurso: o movere (comover). Durante toda a sua história ela coloca como objetivo de vida o acesso à escola. Quando aparece uma família que parece levá-la à realização do sonho, essa a submete a trabalhos inadequados para os seus nove anos de idade. Ao colocar a inadequação do trabalho à idade e ainda afirmar que era privada de visitar os pais, conquista e comove o auditório.

A aluna autora utiliza-se aqui, do que Perelman e Tyteca (2005) denominam de argumentos pelo sacrifício. Esses são marcados pelo sofrimento, pelo esforço do orador, o que busca o caráter afetivo do auditório, que percebe no orador a capacidade de sofrer para conseguir os objetivos a que se propõe.

A aluna autora se coloca como protagonista. O que também constitui um argumento no sentido de provar sua dedicação aos estudos. Tece elogios à escola e a si mesma*,* constrói o *ethos* de uma aluna engajada, comprometida com a aprendizagem. Utiliza então argumento baseada na estrutura do real, apresenta sua experiência, o inicio do alcance dos seus objetivos, o que dá consistência ao seu argumento. Depois narra seu ingresso na Educação de Jovens e Adultos, justificando que como já havia entrado atrasada na escola e estava desnivelada, esse era o caminho. Afirma que desistiu a atrasou várias vezes seu percurso escolar.

O *ethos* da aluna autora também se edifica quando essa justifica sua não permanência na escola, afirmando que seus problemas escolares eram sempre consequência da difícil escolha entre estudar ou trabalhar. Passa então a relatar seu casamento e seu retorno à escola. No entanto, esse retorno mais uma vez é breve. Interrompe sua vida escolar em consequência do nascimento de suas duas filhas.

A aluna autora recorre à calma como argumento. Segundo Meyer (2000) a calma pode, a rigor, figurar a indiferença, a ausência de toda paixão, o contrário absoluto daquilo que arrebata os homens. Assim, ela recria o equilíbrio e aparenta satisfação por desempenhar suas tarefas domésticas. No entanto, afirma que de si nunca saiu o desejo de estudar. Essa afirmação edifica seu *ethos*, pois articula o papel de mãe com o da mulher que também procura realização em outra esfera: a do estudo. E isso funciona como um recurso argumentativo para convencer o auditório da grandeza dos seus objetivos de vida.

Com relação à retórica, Aristóteles elenca quatorze paixões: cólera, calma, temor, confiança, inveja, impudência, amor, ódio, vergonha, emulação, compaixão, favor, indignação e desprezo. Para esse pensador, essas paixões são necessárias, já que são naturais do ser humano. Ele enfatiza que as paixões têm poder persuasivo. Ou seja, por meio delas o orador consegue identificar-se com ou negar um determinado tipo de discurso. Acerca das paixões afirma: as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos (Aristóteles, 2000).

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A autora aluna não precisa quantos anos ficou fora da escola, porém afirma que sua volta se deu em função das próprias filhas. Reconhece a necessidade de adquirir conhecimentos e se preparar para o mercado de trabalho, fazendo um curso técnico. Apresenta-se então com um *ethos* de incentivadora e consciente da realidade que a cerca. Relata a chegada a uma instituição de ensino técnico e tecnológico – IFRN e sua alegria por ter participado do primeiro processo seletivo e logrado êxito, o que a faz aluna pioneira na referida instituição.

A aluna autora reforça que embora tenha dificuldades - e obstáculos se apresentem em seu caminho - sua vontade de vencer tem suplantado tudo isso. Evidenciar que o Ensino Médio integrado a um curso técnico é seu maior objetivo revela um *ethos* de aluna preocupada com a possibilidade de trabalho na área do curso, pois afirma que dentre os certificados que já recebeu esse será o mais importante. No final de sua narração a aluna autora dispõe o auditório em favor de si mesma, agradecendo ao Ser superior a força que Ele tem lhe proporcionado e a benção da vida.

Constata-se, portanto, que a aluna autora se apresenta como uma pessoa honesta, estudante capaz, mulher lutadora, o que revela um *ethos* de simplicidade. Ela dialoga mais diretamente com o auditório particular, utiliza modelo e argumentos de sacrifício e pelo exemplo, apoiando-se nos *topoi* (lugares comuns*).* Revela, portanto um *ethos* de mulher persistente, comprometida com a aprendizagem, incentivadora, preocupada com a possibilidade de trabalho na área do curso e confiante na sua própria realização pessoal.

**6 REFERÊNCIAS**

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto: 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Trad. I.B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. LATIVO; Y. F. VIEIRA. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Maria Glória Novack e Luiza Neri. Revisão Prof. Isac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed da Universidade de São Paulo, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

JOSSO. Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

MEYER, M. A. **A unidade da retórica e seus componentes**: ethos, pathos, logos. In: **A Retórica.** São Paulo, ática, 2007.

PERELMAN, C., OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução GALVÃO, M. E. A.P. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de I. C. BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SOUZA, G. S. de.Argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura:** múltiplos objetos e abordagens. Mossoró: Queima Bucha, 2008.